

RUA MARIA MONTEIRO

Edital de 30-05-1923

Formada pela antiga rua São Miguel

Início na rua Coronel Francisco Andrade Coutinho

Término na avenida Orosimbo Maia

Cambuí

Obs.: Edital baixado e assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Miguel de Barros Penteado.

MARIA MONTEIRO

Maria Monteiro nasceu em Campinas em 16-01-1870 e faleceu em Gênova, Italia, em 13-02-1897, filha de José Francisco Monteiro e Joaquina Leopoldina de Andrade Monteiro. Zica Monteiro, como era conhecida aqui, começou a estudar música em Jundiaí com o professor Romão do Prado. Logo a seguir, matriculou-se no Colégio Florence, desta cidade, continuando os estudos de canto, em Campinas, com o professor Emilio Giorgetti. Em Jundiaí, Maria Monteiro interpretava a "Veronica" nas procissões da Sexta-Feira da Paixão. Por ocasião da inauguração da Matriz Nova, atual Catedral de Campinas, Zica Monteiro cantou a "Ave Maria" de Marcadante, numa das cenas mais emocionantes e inesquecíveis de nossa cidade daquele tempo. Em 1886, aos 16 anos de idade, como aluna do Colégio Florence, cantou para o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina, quando da visita imperial à nossa cidade, o "Sonho" de Marcadante e recitou uma poesia em italiano, ao entregar à D. Teresa um ramalhete de flores. Impressionados pela belíssima voz da contralto campineira os imperadores ofereceram à jovem uma bolsa de estudos, para aprimoramento do Canto Lírico, na Europa. Maria Monteiro preferiu a Italia, escolhendo Milão, para onde seguiu no ano seguinte em companhia de sua mãe e uma irmã. Lá acolhida e sob a proteção de seu parente e amigo Carlos Gomes, estudou no Real Conservatorio, com Alberto Giovannini, havendo obtido classificação e medalhas nos três anos de estudos. Com a proclamação da República, em 1889, os novos dirigentes da nação reduziram sensivelmente a bolsa, mas mesmo assim, Maria Monteiro obteve medalhas de bronze e de prata e recebeu o diploma de Mestre e Artista de Canto. Iniciando-se na carreira artística, Maria Monteiro estreou no teatro em Perugia, na ópera "Mefistófele", de Boito, com absoluto sucesso de público e crítica. Passou a se constituir, pois, a campineira Maria Monteiro, na primeira cantora lírica de toda a América, a ser aplaudida em palcos europeus. A partir de então se apresenta em outras cidades da Italia e na Áustria e Espanha sempre triunfalmente. Casa-se com Emenergildo Grandi, de Gênova, onde passa a residir e após um excursão ao Monte Branco tem um afecção na garganta e nos pulmões, que leva-a à morte.



MARIA MONTEIRO

(Começa na rua Francisco de Andrade Coutinho e termina na Avenida Orozimbo Maia, beneficiando os bairros da Nova Campinas — Vila Almeida — Cambuí e a baixada da Vila Itapura).

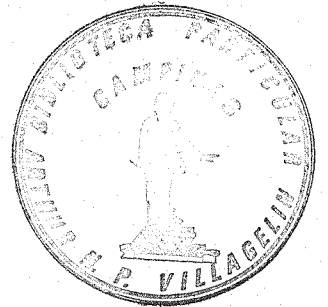
A denominação foi dada pelo Edital de 30 de Maio de 1923. Antes era conhecida como rua de São Miguel. Tem 15 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS: —

A cantora Maria Monteiro, nascida em Campinas aos 16 de janeiro de 1870 e falecida na cidade de Genova, na Itália, aos 13 de fevereiro de 1897, era filha do casal José Francisco Monteiro e de dona Joaquina Leopoldina de Andrade Monteiro. Desde tenra idade, recebeu lições de música, demonstrando, desde logo, grande vocação e excelente voz para contralto. Muito aplicada nos estudos, distinguia-se entre suas companheiras, e, a cada dia, mais

demonstrava seus dotes artísticos. Em 1886, quando em visita a Campinas, D. Pedro teve oportunidade de ouvi-la. Não regateando elogios, providenciou para que ela, em 1887, seguisse para a Itália, onde concluiu seus estudos com brilhantismo, estreando no Teatro de Peruggia, para, a seguir, cantar noutros teatros italianos, espanhóis, austríacos, etc. Ao falecer, contava apenas 27 anos de idade. Campinas ao homenagear Carlos Gomes aos 12 de julho de 1905, com a inauguração do monumento-túmulo que a cidade mandou construir, rendeu tributo à Maria Monteiro, de vez que, a cidade de Campinas está representada na escultura de mulher bela tendo a efigie da cantora (Maria Monteiro) em um dos seus degraus, ostentando a coroa de mural na cabeça, envolta em manto bordado a ramos de café, com o cetro da lei municipal na mão direita e um punhado de lauréis na mão esquerda.

RUA MARIA MONTEIRO



Campinas, 22 de junho de 1980

CORREIO POPULAR - SUPL. DOMINICAL

MAIS CAMPINEIROS

José Alexandre dos Santos Ribeiro

Quem lê com atenção esta coluna há de ter notado que eu tenho procurado mostrar que Campinas não se liga à História da Música apenas pela figura ímpar de Antonio Carlos Gomes.

Ainda há pouco tempo atrás, fiz aqui um artigo sobre o pai de Carlos Gomes, Manuel José Gomes, pelo qual se pode ver que Antonio Carlos não foi músico por acaso, mas provinha, por ambiência e por ascendência, de um meio declaradamente musical, o que explica e justifica muito, a respeito de suas opções artísticas.

Pois hoje falarei de mais dois nomes campineiros que, no século passado, conseguiram, através de seu talento musical, reconhecimento e mesmo renome internacional: o compositor e regente "Paulo Florence" e a contralto "Maria (Zica) Monteiro".

Quanto à Maria Monteiro (ou Zica Monteiro como era aqui mais conhecida), nasceu em Campinas a 16 de janeiro de 1870. Começou a estudar música em Jundiá com o professor Romão do Prado. Logo a seguir, matriculando-se no antigo Colégio Florence, aqui em Campinas, continuou seus estudos de Canto em nossa cidade com o Professor Emilio Giorgetti, que parece ter sido o verdadeiro descobridor de seus reais dotes artísticos de contralto.

Já conhecida, inclusive em Jundiá, como a "Verônica" que cantava nas procissões de Sexta-Feira-Santa, Maria Monteiro cantou a "Ave Maria" de Mercadante, por ocasião da inauguração da "Matriz Nova", que depois seria a Catedral de Campinas.

Em 1886, tinha Maria Monteiro 16 anos, quando, como aluna do Colégio Florence, cantou para o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina, quando de visita deles a Campinas. Imediatamente, a Imperatriz, em nome de D. Pedro II, ofereceu à jovem Zica Monteiro uma bolsa de estudos para

ir aprofundar-se em Canto Lírico na Itália. Assim, no ano seguinte (1887) a nossa contralto vai para Milão, onde é logo acolhida por Carlos Gomes que aliás, era seu parente.

Em Milão, estudou no Real Conservatório, com Alberto Giannini, obtendo, já durante o curso, várias honrarias.

O fato dê, com a proclamação da República, em 1889, a bolsa de estudos lhe ter sido ridiculamente cortada, não impediu Maria Monteiro de formar-se, obtendo Medalha de Prata e o título de "Maestra e Artista di Canto".

Iniciando logo sua carreira artística, nossa Maria Monteiro estreou no teatro de Peruggia, na ópera "Mefistófele" de Boito, ao que se sabe, com total sucesso de público e crítica.

Com isso, a campineira Maria Monteiro foi a primeira cantora lírica de toda América a ser aplaudida em palcos europeus.

Sua carreira fê-la percorrer os palcos da Itália, da Austria e da Espanha, sempre com sucesso promissor.

Seu casamento com um comerciante genovês, contudo levou-a a morar definitivamente em Gênova, onde morreu prematuramente, aos 27 anos de idade, ao que parece, de grave afecção pulmonar, em 1897.

Pois bem; no ano passado, fez 30 anos que o compositor, pianista e regente internacional campineiro Paulo Florence, morreu. Quantas pessoas ligadas às atividades artísticas e culturais de Campinas, já tinham sequer ouvido falar de Paulo Florence? E quantas promoveram alguma comemoração, tentando divulgar o seu nome?

Quanto a Maria Monteiro, quantas pessoas sabem, em nossa cidade, que ela é algo mais que um nome de rua no Cambuí?



Praças, Ruas e Avenidas de Campinas

MARIA MONTEIRO

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARES)

Começa na rua Francisco de Andrade Coutinho e termina na Avenida Orosimbo Maia, beneficiando os bairros da Nova Campinas — Vila Almeida — Cambuí e a baixada da Vila Itapura).

A denominação foi dada pelo Edital de 30 de Maio de 1923. Antes era conhecida como rua de São Miguel. Tem 15 metros de largura.

Dados biográficos: — A cantora Maria Monteiro, nascida em Campinas aos 16 de janeiro de 1870 e falecida na cidade de Gênova, na Itália, aos 13 de fevereiro de 1897, era filha do casal José Francisco Monteiro e de dona Joaquina Leopoldina, de Andrade Monteiro. Desde tenra idade, recebeu lições de música, demonstrando, desde logo, grande vocação e excelente voz para contralto. Muito aplicada nos estudos, distinguia-se entre suas companheiras e, a cada dia, mais demonstrava seus dotes artísticos. Em 1886, quando em visita a Campinas, D. Pedro teve oportunidade de ouvi-la. Não regateando elogios, providenciou para que ela, em 1887, seguisse para a Itália, onde concluiu seus estudos com brilhantismo, estreando no Teatro de Peruggia para, a seguir, cantar noutros teatros italianos, espanhóis, austríacos, etc. Ao falecer, contava apenas 27 anos de idade. Campinas ao homenagear Carlos Gomes, aos 12 de julho de 1905, com a inauguração do monumento tumulo que a cidade mandou construir, rendeu tributo à Maria Monteiro, de vez que, a cidade de Campinas está representada na escultura de mulher bela, tendo a efigie da cantora (Maria Monteiro) em um dos seus degraus, ostentando a coroa de mural na cabeça, envolta em manto bordado a ramos de café, com o cetro da lei municipal na mão direita e um punhado de laureis na mão esquerda.



Maria Monteiro

Maria Monteiro, uma das figuras mais destacadas na história da Arte nesta cidade, falecida em plena juventude, foi a primeira artista americana a cantar nos palcos do Velho Mundo, conquistando o público com a beleza de sua voz de contralto, contrastando com notabilidades da cena lírica.

Entretanto, a história de sua carreira rápida mais fulgurante, marcada por grandes sucessos, não tem sido divulgada devidamente, sendo em número bastante reduzido aqueles que conhecem os pormenores de uma vida ceifada bruscamente, inanimado o rouxino campineiro que muito e muito mais poderia fazer para elevar o nome da terra natal, da Pátria e da arte brasileira.

A Cesar Bierrenbach, seu devotado admirador, como fôra também de Carlos Gomes devemos a biografia completa dessa extraordinária artista uma história fascinante da qual transcrevemos trechos de sua parte final:

"No calendário local marcou-se o grande dia da inauguração da nossa Catedral, erguida lentamente desde os primeiros tapais socados em 1807, pela turma de cativos que as regaram de suores. Augusto solenizava a vitória da constância campineira e para o povo que vira cair a primeira torre, sobre o que passaram as lendas as mais curiosas, era o incentivo de reunião sem igual...

A cidade, o município, a província transbordaram para cá.

A Zica foi a nota última e predominante nos festivais da Matriz Nova. Sim, depois de sagrada pelos sacerdotes, de consagrada pelos pregadores revestiu-se inesperadamente a igreja de uma função religiosa que pairou sobre a turba aglomerada e, até então inquieta e festiva como numa sala de baile; foi quando uma voz emocionante correu o templo e fez silenciar a multidão que ouviu, respeitosa a Ave Maria de Marcadante, ressoando no alto... parecia que os relevos e florões de talha que adornam a igreja, as colunas que sobem ao céu, os anjos que pousam sobre os altares, cantavam a invocação da padroeira cheia de graça, e creio que, ao mais rude ouvinte foi nessa hora palpitante, a intenção dos que erigiram aquele monumento.

Veio por esse tempo a Campinas, aquele ancião que debaixo da sobrecasaca de burguês letrado merecera de Vitor Hugo o ser designado "petit fils de Marc-Aurele" e ao qual a História Pátria há de um dia render justiça pelo reinado de quase meio século.

Foi o Imperador visitar o Colégio Florence onde improvisou-se um concerto, e Maria Monteiro cantou perante Suas Majestades o "Sonho de Marcadante", recitando em italiano uma poesia ao entregar a d. Tereza Cristina uma ramallete de flores.

A Imperatriz animando-a a prosseguir seus estudos, ofereceu-lhe a sua proteção, esperando nela nova glória para a terra de Carlos Gomes.

Aceita a generosa oferta, realizava a Zica o seu primeiro sonho e bendizendo a mão que a levá-la ao Conservatório, partiu para Milão que preferiu aos demais centros da Arte.

A bordo do Congo, em setembro de 1887, seguia para Milão a comitiva que se compunha da Zica Monteiro, sua digna mãe e irmã d. Eliza Monteiro.

Foi Carlos Gomes então o grande auxiliar da estudante, como bom parente e protetor do mesmo modo que vigilante e amigo.

Aprovada nos preparatórios, matriculou-se em 88, sendo classificada para a escola do Maestro Giovanini, obtendo no fim do ano o 2.º prêmio medalha de bronze. No segundo ano o 1.º prêmio medalha de prata. No terceiro ano obteve o 2.º prêmio medalha de bronze recebendo o diploma de Mestra e artista de canto.

Foi quando pela primeira vez subiu ao palco aceitando a escritura inicial para a cidade de Peruggia, onde estreou com o Mefistofele, e com tal brilho que o Marquez Guido Monaldi, empresário telegrafou a Carlos Gomes felicitando-o.

Durante quatro meses na "Linda de Chamounix" no Mefistofele e em outras óperas, foi uma das novidades teatrais da Itália, sua bela e bem timbrada voz e a interpretação dramática.

Eis-nos a contemplar essa estrêla de primeira grandeza através do horizonte artístico da Itália, da Austria e da Espanha, em Nápoles, Genova, Turim, Ravenna, Casal Monte Ferrato, Barcelona, Ferrol, Santiago, Trieste nas peças Huguenotes, Promessi Sposi, Norma, Carmen Trovador, Favorita, Cenerentola ao lado de Luccia. De Marchi, Marconi, Tamagno, Camera. Na Espanha o seu papel de Carmen na ópera a mais espanhola possível foi uma série de triunfos.

Casando-se com o comerciante Emenergildo Grandi, de Génova, Maria Monteiro ficou residindo naquela cidade e indo em excursão ao Monte Branco apanhou uma afecção na garganta e dos pulmões, de que veio a falecer a 13 de fevereiro de 1897. Não deixou filhos e jaz sepultada no cemitério de Stagheno, próximo a Génova.

Naquele campo santo, talvez que o vento Sul, quente dos ardores tropicais, trazendo as emanções dos palmares de além cante sobre a louza que a encobre, a nenita triste da saudade, dessas regiões de que diz o poeta:

"Minha terra tem palmeiras..."

Mas nessa encosta do Mediterrâneo onde nasceu o descobridor da América, uma cinta de montanhas separa a orla da terra do resto da Europa e a cidade em anfiteatro, vai contemplando o azul indiscreto desse mar, donde para nós vieram as artes a música divina e seus melhores cultores. Quiz o Destino vingador que a primeira dentre nós ficasse no porto donde todas nós vieram.

Na pátria de seu lar, ao sol meridional brilhem flôres na sua sepultura e plante um dia, mãos piedosas uma palmeira, pois que naquela riba também elas verdejam, para que essa emula de Gonçalves Dias ao menos tenha a doce ilusão de que para ela é cumprido o augúrio desse outro malogrado cantor:

"Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá..."



DENOMINAÇÃO DE RUAS

Dr. Miguel de Barrós Penteado, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão do dia 13 de Janeiro deste anno, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1922, as vias publicas : — *Ponte Preta, Castelli, Monjolinho, São Miguel, Nova Roma, Nova Hespanha, Jayme Badia, Bahia, rua n.º 1, avenida Germania e avenida Campinas*, todas de denominações populares, ficam de hoje em diante denominadas, respectivamente : — *Rua da Abolição, Rua Victoriano dos Anjos, Rua Carolina Florence, Rua Maria Monteiro, Rua Olavo Bilac, Rua Santos Dumont, Rua Bandeirantes, Rua Barão de Ataliba, Rua Maximiano de Camargo, Avenida Rangel Pestana e Avenida Bueno de Miranda.*

E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 30 de Maio de 1923.

Dr. Miguel de Barros Penteado.

(Extraído da página 85 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos da Câmara Municipal de Campinas no ano de 1923)

ACTO N. 25

(*Denominação de ruas*)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas:

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parallela á Rua Dr. Emilio Ribas, no Cambuby, vulgarmente chamada rua Ede Esperanga; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parallela á rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitingy”, a rua que fica parallela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulu de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parallela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiungá”, a rua 8 da Villa Industrial, parallela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Traversa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuby) parallela á Barreto Leme; — “Rua Americo Brasiliense”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — “Rua Faleão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libania vai á Itapura — 1.ª parallela á rua do Sacramento; — “Rua Diogaunho”, á rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuby; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parallela á Baroneza Geraldo de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Lima”, a 2.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parallela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Pentead, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da fozense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Beila

Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua traversa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e á Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que sãe da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Traversa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Traversa da Buarque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Cuedes Barreto”, a traversa que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima traversa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, traversa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua parallela á Funilense e Buarque de Macedo, no Guaiabara; — “Rua José do Petrócinio”, a rua marginal á Funilense, no Guaiabara, parallela á Cel. Moraes; — “Rua D. Anna Eufrosina”, a rua 1.ª parallela á 1.ª de Mareo, no Guaiabara, entre Buarque de Macedo e Funilense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guaiabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua MacHardy”, a rua n.º 2 do arruamento Piccolotto; — “Rua Elias de Souza”, a rua parallela á Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Bicudo”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Traversa Maria Monteiro”, a traversa parallela á rua Americo Brasiliense.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e sejam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretario,

Amílcar Alves.

